

BATALHA DE VONTADES: IRÃ, TRUMP E O MISTÉRIO DO FIM DA GUERRA

Entre o relógio militar e o relógio eleitoral, Washington e Teerã descobrirão que destruir é possível, mas vencer talvez não seja. O custo crescente da guerra poderá acabar por empurrar ambos de volta à mesa de negociações.

Ghadir Golkarian*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A preocupação com o fim do conflito não é exclusiva dos iranianos; a comunidade internacional e mesmo a comunidade americana temem a guerra atual. Todos sabemos que o conflito entre EUA e Irã chegou a um ponto em que a questão principal já não é a capacidade de ambos os lados de infligir mais danos, mas sim como transformar o poder militar em ganho político e encontrar uma saída para a guerra sem admitir a derrota.

Washington tenta forçar Teerã a aceitar um acordo mais favorável combinando ataques militares, pressão econômica e a ameaça de isolamento do Irã; por sua vez, o Irã busca elevar o custo dessa política valendo-se de suas capacidades de mísseis, da posição geopolítica do Estreito de Ormuz e de suas relações crescentes com a Rússia e a China.

Contudo, a variável “tempo” pode alterar essa equação, visto que faltam apenas dois meses para as eleições de meio de mandato nos Estados Unidos e o conflito transcorre simultaneamente em duas dimensões temporais: o “relógio militar”, no Golfo Pérsico, e o

“relógio político”, em Washington.

Nesta semana, testemunhamos uma nova rodada de ataques dos EUA contra o Irã, ações que não podem ser vistas apenas como uma continuação de operações militares anteriores. O que se observa agora é parte de uma estratégia multifacetada que combina força militar, sanções econômicas, restrições a vínculos comerciais e o aumento da pressão psicológica sobre a sociedade iraniana. Depois de não conseguir forçar o Irã a aceitar os termos de Washington nas fases anteriores do conflito, Donald Trump voltou a colocar o uso do poder militar na pauta, paralelamente à intensificação da pressão econômica.

Segundo uma análise da *Reuters*, o governo dos EUA tem conduzido uma campanha denominada “Operação Pária Econômico” (*Operation Economic Outcast*), uma política destinada a aumentar os custos para empresas e governos estrangeiros que mantêm relações com o Irã. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, também mencionou a possibilidade de adotar medidas contra as redes financeiras, o setor de aviação, as empresas de *leasing* de aeronaves e outros vínculos econômicos do Irã.

No plano político, o tom de Washington também mudou. Trump falou sobre a possibilidade de uma escalada nos ataques, ao mesmo tempo em que fez declarações sobre o descontentamento interno e a possibilidade de a população se voltar contra o governo. Isso sugere que, pelo menos em parte, os cálculos de Washington baseiam-se na premissa de que a combinação de pressão militar e econômica pode acabar por gerar uma maior pressão social dentro do Irã. Mas será que é isso que Trump realmente quer?

Parece que o objetivo operacional de Washington deve ser analisado para além do conceito simples de “mudança de regime”. O que se depreende do conjunto de políticas dos EUA assemelha-se mais a uma estratégia coercitiva – isto é, elevar os custos militares, econômicos e políticos até que o outro lado conclua que o custo de continuar resistindo é maior do que o custo de aceitar o acordo. É claro que é aí que o problema começa.

Sem dúvida, os Estados Unidos têm a capacidade de infligir pesados danos à infraestrutura econômica e militar do Irã, mas existe uma grande lacuna entre “capacidade de destruir” e “capacidade de transformar destruição em resultado político”. A experiência de décadas de sanções contra o Irã e exemplos semelhantes em outros países mostraram que a pressão econômica não está necessariamente diretamente relacionada com a capitulação política.

Algumas análises de *think tanks* dos EUA alertaram para a mesma questão. O Conselho de Relações Exteriores (*Council on Foreign Relations*, CFR) enfatizou, em sua avaliação das opções de Washington, que os caminhos existentes para alcançar os objetivos dos EUA no Irã enfrentam sérias limitações e custos. O Brookings Institution, analisando as consequências do conflito, alertou que as tentativas de mudança de regime através da guerra poderiam levar a uma instabilidade regional mais ampla e a resultados diferentes das expectativas iniciais de Washington. É aqui que o Estreito de Ormuz se torna a variável mais importante da equação.

O Irã não está no nível dos Estados Unidos em termos de capacidade econômica e militar, mas a geografia compensa parte deste desequilíbrio. Para Teerã, o Estreito de Ormuz não é apenas uma passagem marítima; é uma das poucas ferramentas que podem transferir o

custo da guerra para além das fronteiras do Irã e para a economia global. O aumento dos preços do petróleo e as preocupações sobre a segurança das transições energéticas tiveram impacto direto nos mercados globais. Os preços do petróleo Brent situavam-se na faixa dos 95 dólares na quinta-feira, 3 de setembro, e as preocupações sobre as contínuas perturbações no fornecimento de energia continuaram a ser um importante fator de mercado. Esta questão é importante para Trump para além da política externa.

As últimas estatísticas oficiais dos EUA mostram que a inflação ao consumidor aumentou 3,4% em julho deste ano em comparação com o ano anterior, enquanto o preço da energia, especialmente da gasolina, registrou um aumento muito superior. Ao mesmo tempo, o mercado de títulos dos EUA também se tornou sensível à crescente inflação e aos custos decorrentes da crise energética. E é neste ponto que entra o “segundo relógio”.

As eleições de meio de mandato nos EUA serão realizadas em 3 de novembro. Portanto, Trump não está apenas enfrentando um relógio militar, mas também competindo com o relógio eleitoral. Se a guerra se prolongar nas próximas semanas e os preços do petróleo e da gasolina, a inflação e as taxas de juro permanecerem sob maior pressão, a guerra do Irã poderá deixar de ser uma questão de política externa para se tornar uma questão interna nas eleições americanas. Esta é talvez a vulnerabilidade mais importante da atual estratégia de Trump.



Do outro lado da equação, Teerã não carece de apoio internacional. Os recentes desenvolvimentos nas relações Irã-Rússia mostram que Moscou não está disposta a testemunhar o enfraquecimento estratégico do Irã ao ponto de o equilíbrio regional ser totalmente alterado a favor de Washington. À margem da cúpula da Organização de

Cooperação de Xangai, no Quirguistão, Vladimir Putin enfatizou o apoio da Rússia ao Irã. O *Financial Times* publicou reportagens sobre a cooperação da Rússia com o Irã no campo da tecnologia de propulsão *ramjet* e do desenvolvimento de capacidades relacionadas a mísseis de cruzeiro hipersônicos. A Rússia, é claro, não quer necessariamente uma guerra ilimitada ou uma vitória absoluta para o Irã. Do ponto de vista de Moscou, a situação mais desejável é que o Irã seja tão poderoso que os Estados Unidos não consigam retirá-lo das equações regionais, mas a guerra não atinja um estágio que crie uma instabilidade incontrolável.

Não há dúvida de que a política da China é ainda mais delicada do que a da Rússia. Na reunião financeira do G20, Pequim não propôs uma cláusula sobre o Estreito de Ormuz, algo apoiado por outros membros, mas, ao mesmo tempo, em suas posições oficiais, enfatizou a liberdade de navegação e a abertura da passagem. Portanto, a postura da China não pode ser considerada de apoio incondicional à política do Irã em Ormuz. A China não quer que o Irã seja derrotado, nem deseja o fechamento de Ormuz por um longo período. A segurança energética é um interesse vital para Pequim (AFP, 2026; Ministério das Relações Exteriores da China, 2026).

Sob essa ótica, é pouco provável que a Rússia e a China desempenhem o papel de uma “aliança militar clássica” com o Irã, mas elas poderiam impedir a concretização de um objetivo importante da política dos EUA: o avanço do “isolamento estratégico” de Teerã. Apesar de todos esses desdobramentos, a questão central continua sendo como a guerra terminará.

Como sabemos, o Memorando de Islamabad não se consolidou como um acordo duradouro, e Marco Rubio declarou, na prática, o fim dessa estrutura. No entanto, o fracasso de um modelo de negociação não elimina a necessidade de negociar. O Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (*Center for Strategic and International Studies*, CSIS) descreveu o estado das relações entre EUA e Irã utilizando o conceito de “*negociação durante a guerra*”, situação em que operações militares e diplomacia não são necessariamente substitutas, mas, por vezes, ferramentas complementares para aumentar o poder de barganha.

Nesse contexto, as perspectivas para as próximas semanas podem ser resumidas em quatro cenários: a) continuidade de ataques controlados seguida de um retorno às negociações; b) obtenção mais rápida de um cessar-fogo ou de um entendimento provisório; c) uma guerra de atrito; e d) na hipótese mais perigosa, uma escalada não intencional do conflito devido a um erro de cálculo ou a um ataque com um número elevado de baixas.

Dentre esses cenários, a opção (a), o retorno a alguma forma de negociação após um novo período de pressão e trocas de tiros, parece ainda a mais provável. A razão para isso não reside na confiança mútua nem em uma mudança repentina nos objetivos de ambos os lados, mas sim no custo crescente da continuidade da guerra.

Contudo, o problema enfrentado pela sociedade iraniana é de outra natureza. Uma guerra prolongada significa maior pressão sobre o valor da moeda, o emprego, a produção, as importações, o transporte, a aviação e a segurança do cotidiano. Ao mesmo tempo,

Washington não deve incorrer no erro de cálculo de acreditar que a insatisfação econômica da sociedade iraniana levará inevitavelmente a um apoio a ataques estrangeiros ou a uma revolta interna da população. Isso ocorre porque o aumento de baixas civis sempre gerou o efeito contrário, alterando a linha divisória entre a oposição a políticas internas e a defesa do país contra agressões externas. Portanto, a questão decisiva nas próximas semanas talvez não seja qual dos lados é mais capaz de infligir maiores danos ao outro. A questão mais importante é: qual lado aceitará primeiro que a capacidade de destruir não equivale ao poder de vencer?

Trump trava agora uma corrida contra dois tempos: o momento da guerra no Golfo Pérsico e o momento da eleição em Washington. O Irã também enfrenta outro momento crítico: o limite de tolerância de sua economia e sociedade diante de uma guerra de desgaste.

Se nenhum dos lados conseguir uma vitória decisiva, esses três momentos acabarão por trazê-los de volta ao ponto do qual tentaram escapar: a “mesa de negociações”. E talvez seja exatamente esse o paradoxo desta guerra: quanto mais os dois lados lutam para melhorar suas posições antes das negociações, mais eles precisarão dessas mesmas negociações.

****Prof. Dr. Ghadir Golkarian** é pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre. Nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística e professor universitário de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para a BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*
